

MULHER EM (DIS)CURSO

Palmira Heine Alvarez
André Luiz Gaspari Madureira
Illa Ptres de Azevedo
(Organizadores)



Atena
Editora

Ano 2020

MULHER EM (DIS)CURSO

Palmira Heine Alvarez
André Luiz Gaspari Madureira
Illa Ptres de Azevedo
(Organizadores)



Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^a Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^a Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Prof^a Dr^a Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia

Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases

Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil

Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí

Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé

Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária

Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná

Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina

Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College

Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Palmira Heine Alvarez
André Luiz Gaspari Madureira
Illa Pires de Azevedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M956 Mulher em (Dis)curso / Organizadores Palmira Heine Alvarez, André Luiz Gaspari Madureira, Illa Pires de Azevedo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-475-7

DOI 10.22533/at.ed.757201310

1. Mulher. 2. Discurso. 3. Linguagem. I. Alvarez, Palmira Heine (Organizadora). II. Madureira, André Luiz Gaspari (Organizador). III. Azevedo, Illa Pires de (Organizadora) Título.

CDD 305.4

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro ora apresentado é resultado de uma série de reflexões sobre o tema *mulher e discurso*, através de diversos aspectos que recobrem essa temática, tais como: os modos de discursivização da violência contra mulheres, mulher e literatura, as representações do feminino em contos de fadas tradicionais, a mulher e as relações homoafetivas discursivizadas em redes sociais, mulher e música, mulher e beleza, além da fragmentação do feminino na contemporaneidade.

Tais temáticas e seus desdobramentos, pensados à luz da Análise de Discurso, oferecem aos leitores a possibilidade de levantar o véu da opacidade que se apresenta através da linguagem, voltando o olhar em direção aos sentidos sobre mulher no discurso, na sua dimensão histórica e ideológica, trazendo à baila questionamentos, reflexões, deslocamentos e desdobramentos diversos.

A obra contribui para se pensar a identidade e a representação feminina como um elemento de discurso, construído na e pela linguagem, seja na sua dimensão verbal ou não verbal, afetada pela historicidade e pela memória social. Como elemento de discurso, a ideia de ser mulher é afetada por deslocamentos que problematizam a noção do feminino na discursividade nas diversas formas de materialização da ideologia que, naturalizando sentidos, faz com que os sujeitos de discurso não se deem conta de que estão sendo constituídos pelos enunciados que significam na sua dimensão histórica.

Os capítulos desta obra, portanto, possuem um ponto que os une, qual seja: a ideia de que a feminilidade, construída em diferentes materialidades analisadas pelos presentes estudos faz retomar representações sócio-históricas que constituem o dizer. Essas representações são abordadas nos textos que constituem esse livro, costurados a partir das ideias do filósofo francês Michel Pêcheux, cujas reflexões deram origem à teoria de Análise de discurso, também denominada de Análise materialista de discurso ou ainda Análise de discurso de viés pecheutiano.

O primeiro capítulo, intitulado **TRABALHO E DIGNIDADE FEMININA - APONTAMENTOS A PARTIR DO MULHERIO (1981-1988)**, apresenta uma análise acerca do jornal Mulherio. Nela, podemos perceber como esse veículo de comunicação, em meio à década de 80 do século XX, rompe com o silêncio local acerca de certos dizeres sobre a mulher e promove a circulação de efeitos de sentido até então interditados.

Já no segundo capítulo – **DISCURSO ENTRE MULHERES: de Clarice Lispector a Tereza Quadros** –, é feito um estudo sobre o efeito de autoria na constituição de dizeres de duas mulheres, ou melhor, de uma mulher: Tereza Quadros, pseudônimo da escritora Clarice Lispector. Em meio a esse fenômeno que, em primeira instância, podemos chamar de *desdobramento de efeito de autoria*, discute-se como se dá a projeção interdiscursiva a partir da qual é promovida a existência de Tereza Quadros.

Em **EFEITOS DE SENTIDOS EM UMA PEÇA PUBLICITÁRIA DA PREFEITURA**

DA CIDADE DE SALVADOR EM PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES, a ideia principal do artigo se volta a um aspecto social brasileiro que remonta aos tempos da colonização: a violência contra a mulher. Nesse estudo veremos como alguns discursos que promovem o assédio sexual feminino passam a funcionar, em peças publicitárias, a partir de uma reinscrição interdiscursiva cujo efeito se torna de estímulo ao combate a essas ações de violência feminina.

No capítulo **A DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE CASAMENTO E FAMÍLIA EM RELAÇÕES HOMOAFETIVAS ENTRE MULHERES NO INSTAGRAM**, o ambiente virtual é explorado em uma análise sobre relações homoafetivas entre mulheres. Nesse formato contemporâneo de discursivização dessas relações, cabe interrogar como efeitos de sentido sobre casamento e família passam a se constituir em meio a esse contexto e quais são suas implicações sócio-discursivas.

A abordagem do feminino na internet também tem lugar no capítulo **A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE: SUA FRAGMENTAÇÃO, HIERARQUIZAÇÃO E DEMONIZAÇÃO**. Nele, podemos perceber, do ponto de vista discursivo, como a mídia promove o controle de corpos, em meio ao que podemos chamar de *tecnologia de gênero*.

Os aspectos discursivos que envolvem o feminino e os contos de fada tradicionais são abordados no artigo **DESLOCAMENTOS NAS MODALIDADES DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO MULHER**. Trata-se de um estudo que permeia o âmbito das histórias de princesa, mas desta vez mediante releituras cinematográficas que denunciam mudanças no comportamento feminino. O que está em questão aqui é o movimento de desconstrução que possibilita o questionamento acerca do lugar da mulher na sociedade.

No artigo intitulado **A BELEZA FEMININA: O DISCURSO SOBRE A BELEZA NA FANPAGE DE COSMÉTICOS DA MARCA NÍVEA** busca-se discutir os modos de discursivização da beleza feminina em propagandas de cosméticos da marca Nívea, destacando que a beleza é uma construção simbólica e cultural e, portanto, um elemento de discurso que faz circular sentidos inscritos na história. A AD pecheutiana também é a base para as reflexões e análises propostas neste artigo, que concebe a beleza como elemento construído ideologicamente.

Por fim, o artigo intitulado **AS PIRIGUETES E A DISCURSIVIZAÇÃO DA MULHER EM MÚSICAS DO PAGODE BAIANO** objetiva discutir sobre as formas de discursivização da mulher em letras de música de pagode baiano, gênero musical muito popular na Bahia, que constrói identidades e representações femininas com base na estereotipização da sexualidade e do corpo da mulher.

Assim, os modos de construção dos artigos ora apresentados neste livro, indicam uma costura coesa que nos remete, a partir das linhas da Análise materialista de discurso, a um tecido diverso na sua unidade, possibilitando reflexões e debates sobre o feminino no discurso, a mulher em (dis)curso, no curso da história, da sociedade e da linguagem; a mulher que é dita e diz, que é construída no jornal, nas propagandas, na literatura, nos

contos, nas redes sociais, enfim na dimensão sócio-histórica da linguagem, que, como um sistema que materializa discursos, gera e faz circular sentidos na teia da história.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
TRABALHO E DIGNIDADE FEMININA - APONTAMENTOS A PARTIR DO MULHERIO (1981-1988)	
Palmira Heine Alvarez Andréia Abdon Peixoto	
DOI 10.22533/at.ed.7572013101	
CAPÍTULO 2	13
DISCURSO ENTRE MULHERES DE CLARICE LISPECTOR A TEREZA QUADROS	
Josiane Pereira da Conceição André Luiz Gaspari Madureira	
DOI 10.22533/at.ed.7572013102	
CAPÍTULO 3	30
EFEITOS DE SENTIDOS EM UMA PEÇA PUBLICITÁRIA DA PREFEITURA DA CIDADE DE SALVADOR EM PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES	
Gilberto Nazareno Telles Sobral Nadia de Jesus Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7572013103	
CAPÍTULO 4	42
A DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE CASAMENTO E FAMÍLIA EM RELAÇÕES HOMOAFETIVAS ENTRE MULHERES NO INSTAGRAM	
Anderson de Almeida Santos Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez	
DOI 10.22533/at.ed.7572013104	
CAPÍTULO 5	55
A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE: SUA FRAGMENTAÇÃO, HIERARQUIZAÇÃO E DEMONIZAÇÃO	
Ireneide Santos Costa	
DOI 10.22533/at.ed.7572013105	
CAPÍTULO 6	69
DESLOCAMENTOS NAS MODALIDADES DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO MULHER	
Reginete de Jesus Lopes Meira Sátiro	
DOI 10.22533/at.ed.7572013106	
CAPÍTULO 7	84
BELEZA FEMININA: O DISCURSO SOBRE A BELEZA NA FANPAGE DE COSMÉTICOS DA MARCA NÍVEA	
Laura Camila dos Santos Santana	
DOI 10.22533/at.ed.7572013107	
CAPÍTULO 8	96
AS PIRIGUETES E A DISCURSIVIZAÇÃO DA MULHER EM MÚSICAS DO PAGODE BAIANO	
Mislene Carvalho da Paixão	
DOI 10.22533/at.ed.7572013108	
SOBRE OS AUTORES	108

A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE: SUA FRAGMENTAÇÃO, HIERARQUIZAÇÃO E DEMONIZAÇÃO

Iraneide Santos Costa

INTRODUÇÃO

Elegeu-se como objetivo precípua deste artigo discutir as imagens atualmente imputadas ao sujeito mulher pelas discursivizações que gravitam em torno deste sujeito hodiernamente. Busca-se ainda apurar de que forma a relação saber/poder se instaura nesse processo. Para tanto, investiga-se a historicidade das representações do sujeito mulher a fim de que se possa, então, se apropriar de sua discursividade; explicitam-se as especificidades da prática discursiva e seus efeitos de sentidos a partir do entrecruzamento língua/ sociedade/ história/ memória; avaliam-se em que medida os signos (verbais e não verbais) marcam, explícita ou implicitamente, uma posição ideológica; desvelam-se as formações imaginárias que se constituem a partir das relações sociais estabelecidas e que funcionam nos discursos materializados nos textos em análise; examina-se como a relação interdiscurso/intradiscurso determina o dizer e os efeitos de sentido instaurados.

As análises a que aqui se procede estão ancoradas - teórica e metodologicamente - na Análise Materialista do Discurso, sendo

tomados como ponto de partida alguns pressupostos, tais quais:

a) é o sujeito lugar de significação historicamente constituído: nas práticas discursivas, tanto os sentidos produzidos constroem aquilo que o sujeito é ou o que se tornará; como se fixam lugares a partir dos quais ele se posiciona e estrutura sua experiência (PÊCHEUX, 1995);

b) a verdade se constitui a depender do ponto de vista que a constrói: o que funciona no discurso são as imagens que se fazem dos sujeitos e dos seus lugares, já que se trabalha no campo do imaginário (PÊCHEUX, 1995);

c) a ideologia é a matriz do sentido e, embora a realidade exista fora da linguagem, é constantemente mediada por ela e através dela (PÊCHEUX, 1995).

d) O discurso vem a ser o conjunto de práticas discursivas que legitimam sujeitos e, constituem os objetos sobre os quais enunciam.

Quanto ao *corpus*, optou-se por trabalhar com textos midiáticos que circulam na internet, por se perceber/reconhecer, hoje, que a mídia se constitui em um dos principais meios de circulação das ideias e imagens vigentes na sociedade, já que veicula “definições cristalizadas que são socialmente instituídas pelos dispositivos jurídicos, médicos, psicológicos, religiosos e pedagógicos, enfim,

pelos dispositivos disciplinares existentes em nossa sociedade” (SARTI, 2010, p.23). Em decorrência disso, verifica-se que ela – a mídia – passou a realizar uma forma de controle dos corpos, uma espécie de tecnologia de gênero (LAURETIS, 1994). Este trabalho está assim organizado: no capítulo 1 - Há algumas mulheres que (não) merecem ser bem tratadas? -, são alvo de análise duas letras de músicas pertencentes ao gênero musical funk. Já no capítulo 2 – Mulher: (apenas) um pedaço de mau caminho? , nossas reflexões partem de dois cartuns.

1 | HÁ ALGUMAS MULHERES QUE (NÃO) MERECEM SER BEM TRATADAS?

No século XXI, muitas vezes, às mulheres são dispensados tratamentos tais quais “Canhão”, “Cachorra”, “Baleia”. Por ser essa uma característica bastante presente em várias músicas pertencentes ao gênero musical *funk*¹, optou-se por eleger inicialmente como alvo de discussão duas letras de músicas que a este estilo pertencem.

Nossa materialidade discursiva 1 é a letra da música **Gorda Baleia** (KARMMO), sucesso no final do século XX:

Você chegou no baile
Com marra de popozão
Vou te dar um papo reto
Para de vacilação
Você não é Carla Perez
Nem Luiza Brunet
Então preste atenção
No que o Fabrício vai dizer
Gorda baleia
Vou te esculachar
Bunda de borracha
Peito de maracujá

1.1 Reflexões 1

Rastreiam-se, nesta materialidade, algumas possibilidades de deslizamentos de sentidos, vinculados obviamente à dada Formação Discursiva: não ditos mas subentendidos

indicam que apenas mulheres que se encontrem dentro do padrão que se preconiza/concebe – em dadas condições de produção – como belo (as tidas “Luíza Brunet” e “Carla Perez”) devem ser bem tratadas. Retomam-se/reatualizam-se aí discursividades de acordo com as quais mulheres são (des)valorizadas principalmente a partir da aparência física, do seu corpo e da sua sexualidade, constituindo-se em sua obrigação manter-se dentro dos padrões exigidos por seu grupo, sendo assim atraente e sedutora. Ou seja, atesta-se que o corpo e a sexualidade são categorias que se apresentam como estruturantes nas representações da mulher na mídia.

Não se pode perder de vista que, para a Análise Materialista do Discurso, a referência se engendra no gesto mesmo de interpretação; sendo assim, são os referentes “Luíza Brunet” e “Carla Perez” objetos imaginários, instituídos que são pelas formações imaginárias. Impõe-se, então, a imagem que se tem não só delas, mas também das mulheres que apresentam características em comum com elas: símbolos de beleza, ideal do que se espera de uma mulher. Constata-se, portanto, que o imaginário “em-forma” o discurso.

Coaduna-se este dizer com o que preconiza Foucault (1979, p. 180) quando discute disciplina e controle: “somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a certo modo de viver ou morrer”. Sendo assim, é a disciplina um tipo de poder que torna os indivíduos meros objetos e, ao mesmo tempo, instrumentos do seu próprio exercício. Para Foucault (2008, p. 164), há três instrumentos aí imbricados: “o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame”.

Na materialidade abaixo, é possível rastrear como este processo se arquiteta na contemporaneidade, como o corpo “dócil e regulado é colocado a serviço das normas da vida cultural e habituado às mesmas.” (BORDO, 1997, p. 20):

Diariamente, pessoas gordas e obesas saem de casa logo cedo e sabem que vão encontrar pela frente desafios de todos os tipos: transporte público, escritórios, restaurantes e outros ambientes que não estão preparados para acomodá-las. Ainda pior: sabem também que vão ser alvo de piadas, julgamentos e ouvir de muita gente que precisam emagrecer. Esse preconceito tem nome. “Gordofobia é um neologismo para o comportamento de pessoas que julgam alguém inferior, desprezível ou repugnante por ser gordo. Funciona como qualquer outro preconceito baseado em uma característica única”, explica o Dr. Adriano Segal, psiquiatra do Centro Especializado em Obesidade e Diabetes do Hospital Alemão Oswaldo Cruz. “Apesar de o nome ser novo, é algo que sempre existiu, a gula é até um pecado capital. Há estudos com universitários em que afirmam preferir se casar com traficantes ou bandidos do que com obesos”, diz o médico. (PRECISAMOS FALAR DE GORDOFOBIA)

Ao nos debruçarmos sobre a materialidade discursiva 1, verificamos que são as mulheres julgadas e classificadas de acordo com a sua aparência física. A partir daí, afere-se que se naturaliza um binarismo, o que implica na instituição de normas que estabelecem uma divisão entre as práticas: de um lado, as mulheres tidas como “Carla Perez e Luíza Brunet” são destinadas a serem admiradas e cortejadas; do outro, as cujo corpo está fora do ideal de beleza dominante (“gorda-baleia”, “bunda de borracha” e “peito de maracujá”)

são desqualificadas e condenadas a serem “esculachadas”. Estas últimas são vistas como um antimodelo de beleza, sendo seus corpos condenados a serem descartados, excluídos, marginalizados. Ou seja, a imagem que se impõe sobre estes corpos é a de um corpo sexualmente não legítimo: não atraente, repugnante, impróprio para ser explorado sexualmente.

Constata-se, então, que os efeitos de sentido são, na verdade, efeitos da construção discursiva: os sentidos constituem-se no discurso, ou seja, demarcam-se, avalizam-se, cerceiam-se, esquadriham-se os acontecimentos discursivos, possibilitando-se que o texto possa “estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras performances verbais, estar dotado de materialidade repetível” (FOUCAULT, 1972, p. 134-135). Pode-se assinalar, na materialidade em análise, matrizes de inteligibilidade partilhadas que atualizam, das profundezas da memória discursiva, uma imagem estereotipada de mulher, de acordo com a qual só é bela a mulher jovem, com corpo dentro dos padrões estéticos estabelecidos, isto é, um corpo magro, “sarado”, musculoso, rijo; já a mulher gorda e cujo corpo apresenta flacidez é tida como desmazelada, como alguém que “não se ama” e que, sendo assim, não merece ser amada. De acordo com Zozzoli (2005, p. 69), “a mulher é tida como responsável pelo seu corpo e sua beleza. Caso não consiga, a mulher gorda e/ou velha e/ou feia (para os padrões atualmente valorizados) é considerada culpada, negligente”.

Uma vez que as palavras ditas são tomadas como práticas, pode-se assinalar aí uma posição de sujeito que indica um saber segundo o qual dadas mulheres (aquelas não enquadradas no parâmetro estético vigente) podem/devem ser tratadas de forma grosseira, ou seja, esculachadas, insultadas. Instituem-se/instauram-se, pois, verdades estabelecidas sobre quem é este sujeito mulher as quais justificam/legitimam o dizer destas materialidades. Ou seja, no saber em que se pauta a Formação Discursiva que determina o dizer presente na materialidade 1, a beleza se constrói, é possível de ser alcançada, através de exercícios, dietas etc. O não uso pela mulher de toda essa tecnologia que lhe é oferecida é tido como índice de negligência, de desleixo, sendo passível tal atitude de sanção: ela é gorda e flácida porque se deixa levar pela gula e/ou pela preguiça (pecados capitais); sendo assim, deve ser punida. Justifica-se então que seja “esculachada”.

O corpo é concebido, portanto, como material a ser moldado, transformado, esculpido, recriado através de técnicas de aperfeiçoamento, de embelezamento. Fica evidente o que Foucault (1979) chama de governabilidade: o governo que a mulher pode/deve exercer sobre si por meio de técnicas de embelezamento, sendo através dessas técnicas que deve se constituir como sujeito que governa o seu corpo. De acordo com Bordo (1997, p. 20), por meio de disciplinas rigorosas e reguladoras como dieta, aulas de musculação – princípios organizadores centrais do corpo, da mente e do tempo de muitas mulheres –, terminam elas por serem mais centradas na automodificação.

Verifica-se ainda que é o corpo da mulher fragmentado (peito, bunda, etc.) e avaliado a partir de paradigmas e cânones de beleza, construídos pela mídia, pelo discurso médico e pela indústria de cosméticos. Para Zozzoli (2005), o ideal de beleza da mulher construído na contemporaneidade corrobora a ideia de um corpo que se constitui de “objetos sexuais” (peito, boca, bunda etc.), ou seja, silencia-se em relação à mulher em sua totalidade.

Elegeu-se como materialidade 2 a letra da música **Dona Gigi**, escrita por Waguinho, que depois largaria o *funk* para ser pastor evangélico. Ela foi lançada em 2005 e fez tal sucesso, que o grupo Caçadores participou de programas como “Domingão do Faustão” e “Fantástico” (Rede Globo):

Ih dasquidasquidasqui ih

“Eu sou a dona Gigi”

Ih dasquidasquidasqui ih

“Esse aqui é meu esposo”

Ih dasquidasquidasqui ih

“Esse aí é seu esposo?!?”

Ih dasquidasquidasqui ih

“É sim...”

Se me vê agarrado com ela

Separa que é briga, tá ligado!

Ela quer um carinho gostoso

Um bico, dois socos e três cruzados!

Tá com pena, leva ela pra casa

Porque nem de graça eu quero essa mulher!

Caçadores estão na pista pra dizer como ela é:

Caolha, nariz de tomada, sem bunda, pernetta,

Corpo de minhoca, banguela, orelhuda, tem unha encravada,

Com peito caído e um caroço nas costas...

Ih gente! capina, despenca,

Cai fora, vai embora,

Se não vai dançar,
Chamei 2 guerreiros,
Bispo Macedo, com padre Quevedo pra te exorcizar...
Oi, vaza!
Tchatchritchatchritchatchum, tchritchatchritcha
Fede mais que um urubu,
Canhão! vou falar bem curto e grosso contigo, hein...
Já falei pra vazar!
Coisa igual nunca se viu...
Oh vai pra puxa... tu é feia!
"puxa, tu é feia!"

1.2 Reflexões 2

Trata-se a memória de uma "(re)atualização de acontecimentos e práticas passadas em um momento presente na história de uma formação social" (MARIANI, 1998, p.38). Para Pêcheux, "a memória discursiva seria aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível" (1999, p. 52). As representações sociais (re)atualizariam, então, imagens que se alojam na memória.

Pêcheux (1993) afirma ainda que, no processo de construção dos sentidos, conhecimentos contextuais e históricos da formação discursiva em que se engendram seriam acionados por elementos linguísticos. Para que a palavra tenha sentido, então, é preciso que já faça sentido, efeito do já-dito; a isso, chama-se historicidade na Análise do Discurso: uma vez que é a memória discursiva o efeito da presença do interdiscurso (eixo da verticalidade) no acontecimento (eixo da horizontalidade) do dizer, a presença do interdiscurso no intradiscurso é parte constitutiva dos efeitos de sentido produzidos. Verifica-se, então, que o interdiscurso fornece "formulações constitutivas de uma relação imaginária no momento da enunciação com o domínio da memória" (COURTINE, 1999, p. 20): é possível rastrear, no trecho "Chamei 2 guerreiros, Bispo Macedo, com padre Quevedo pra te exorcizar...", uma memória discursiva, que foi acionada por elementos linguísticos (padre Quevedo, bispo Macedo e exorcizar), que retomam já-ditos:

- a. A Igreja Universal do Reino de Deus, que tem no bispo Macedo o seu fundador e principal nome, se propõe, em suas sessões de descarrego, a expulsar os maus espíritos que estariam atrapalhando a vida de seus fiéis. Na materialidade 2, a imagem que se tem da mulher “feia” (“Caolha, nariz de tomada, sem bunda, perne-ta, corpo de minhoca, banguela, orelhuda, tem unha encravada, com peito caído e um caroço nas costas”) é a de que ela é um encosto que tem o dom de entravar a vida do homem. Em virtude disso, é visto como legítimo que este se valha de todos os recursos possíveis, podendo/devendo até recorrer a forças sobrenaturais, para dela livrar-se.
- b. Padre Quevedo (1930-2018) foi um padre jesuíta especialista em parapsicologia, que ficou conhecido ao buscar explicação científica para os fenômenos paranor-mais. Embora rejeitasse a existência de forças do além, foi muitas vezes convoca-do para resolver/desmistificar casos de possessões demoníacas. Mais uma vez, é a mulher “feia” colocada como manifestação do próprio demônio.
- c. De acordo com o dicionário online de Português, exorcizar é “expulsar os demô-nios por meio de preces: exorcizar um possesso.” (EXORCIZAR...). Ou seja, a mulher “feia” é um demônio do qual o marido precisa se livrar, sendo tida como “natural” qualquer atitude tomada por ele nesse sentido. Na verdade, observa-se que é comum no nosso cotidiano o [que se estabelece como] feio ser associado ao mal (na maioria das histórias de conto de fadas, as personagens “boazinhas”, como as princesas e fadas, são belas; já as personagens más, como as bruxas, são horrorosas), ao demônio (daí expressões como “feio como o diabo”).

Assim, o que se constata é que as palavras dos sujeitos não são apenas deles. Seu(s) significado(s) lhes são atribuídos pela história e pela língua, estando ainda estes – os significados – filiados a outros dizeres, constituindo-se a partir de um já-dito, que sustenta este dizer. Ao avaliar a materialidade 2, verificamos que, de acordo com as relações de sentido, os discursos aí materializados se relacionam com outros já efetivados, cogitados, imaginados e admissíveis, não sendo possível então demarcar-lhe um começo, tampouco um final definitivo.

Retomam-se aí, por exemplo, ditados populares:

- Em “Se me vê agarrado com ela, separa que é abriga tá ligado!”, recupera-se o ditado “Se me vires abraçado com mulher feia, separa que é briga”, tão presente em para-choque de caminhões;
- Em “Ela quer um carinho gostoso, um bico, dois socos e três cruzados!” e “Ca-nhão! vou falar bem curto e grosso contigo, hein...”, reatualizam-se os ditados “Mulher feia e urubu comigo é na pedrada”, “Mulher feia, cachorro e cobra, comigo é na paulada.”.

Não se pode esquecer que, segundo Foucault (1979), cada sociedade institui um regime de verdade que regulamenta discursos, tachando-os de falsos ou verdadeiros. Ao ratificar alguns, como consequência engendram-se efeitos de poder ao discurso tido como “verdadeiro”. Ora, os ditados populares materializam verdades consagradas pelo povo,

sendo vistos como portadores da sabedoria popular.

Verifica-se que, em “Tá com pena, leva ela pra casa”, materializa-se um discurso machista, embasado em saber de acordo com o qual só as mulheres tidas como belas devem ser bem tratadas. Impossível esquecer um personagem de Chico Anísio, o Nazareno Luís do Amor Divino, um homem casado com uma mulher fora dos padrões estéticos (Sofia), a quem continuamente maltrata, censura, ofende (bordões utilizados pelo personagem: “Isso não é mulher...”, “Eu estava de porre, naquele tempo eu bebia.”) e manda que se cale (bordão utilizado pelo personagem: “Ca-la-da! Senta aí!”). Ou seja, a mulheres que não são belas, a sociedade não sanciona o direito de falar. Constata-se, assim, que, ao lado de uma escala hierárquica entre homens e mulheres e vigente em uma sociedade machista como a nossa, instala-se outra: entre as mulheres tidas como bonitas e as tidas como feias.

Observa-se que se instituem estereótipos – no caso, como deve ser a mulher para merecer consideração. Interessante constatar que a mulher é julgada essencialmente por questões estéticas –, que justificam ações como agredir física e verbalmente uma mulher que não se enquadra nos parâmetros estabelecidos por dado grupo. Ou seja, rastreiam-se aí discursos que terminam por legitimar a violência (física e/ou verbal); restauram-se vários trajetos de sentidos tradicionalmente associados à mulher e reafirmam-se assimetrias de gênero e a objetificação da mulher na sociedade (a aparência que deve ter – ou não – e os valores simbólicos a esta relacionados).

O que se percebe é que o saber – a respeito das relações genérico sexuais, no caso – veiculado no discurso é tomado como verdade, sendo ainda gerador de poder. Além disso, é o sujeito afetado pela história, é o discurso de que ele se apropria, um objeto sócio-histórico que retoma sentidos preexistentes; desta forma, a condição de produção discursiva faz o discurso significar.

2 | MULHER: UM PEDAÇO DE MAU CAMINHO?

As materialidades discursivas 3 e 4 são cartuns que pertencem a uma formação discursiva cristã e têm na Bíblia o seu discurso fundador, uma vez que é no “Livro Sagrado” que se materializam os discursos que instalam as condições de formação dos discursos materializados no *corpus* selecionado; discursos estes que lhes determinam uma região de sentidos, um sítio de significância: no Gênesis, livro da Bíblia que relata como se deu a criação do mundo, como surgiram os seres humanos e o sofrimento na humanidade, encontramos a figura feminina ideada como perigosa², astuta, ambiciosa, imprudente; como a que sempre está pronta a questionar, duvidar, se insurgir em relação à ordem estabelecida. O seu maior pecado teria sido não só o da desobediência em si, mas também o da revelação do sexo.

2.1 As Materialidades Discursivas



Materialidade 3: (ANGELI, 2003, p. 32)



Materialidade 4: (ANGELI, 2003, p. 35)

2.2 Reflexões 3

Partindo do pressuposto de que “[...] toda produção discursiva, que se efetua nas condições determinadas de uma conjuntura, movimenta – faz circular – formulações anteriores já enunciadas” (COURTINE, 2009, p. 104), constata-se que as materialidades

verbos-visuais em questão corporificam um discurso religioso e terminam por acionar uma memória discursiva de acordo com a qual é a mulher capaz de desestabilizar a ordem vigente, tal como ocorreu no Jardim do Éden³, segundo as narrações bíblicas, quando Adão “[...] o mais dotado de todas as perfeições que todos os outros homens, foi vencido no primeiro assalto que lhe fez sua mulher” (MARCONVILLE, 1991, p.97). Sendo assim, as mulheres “[...] parecem ter sido feitas mais para a volúpia e o ócio” (MARCONVILLE, 1991, p.101). Ou seja, os deslizamentos de sentidos que se instauram nas materialidades em análise produzem efeitos sobre as representações e as identidades feminina e masculina, recuperando formulações anteriores. Verifica-se ainda que esses enunciados se integram a redes de outras formulações e constituem outros trajetos de sentidos.

O sujeito discursivo, instaurado nas materialidades 3 e 4, ao assumir o seu dizer, toma como verdadeiros dados discursos, pois se constituiu ao se identificar com uma Formação Discursiva religiosa, que, por sua vez, irá estabelecer “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1995, p. 147) a respeito da mulher e do homem. Engendra-se, no bojo da supracitada Formação Discursiva, uma imagem da mulher como uma tentação para o homem, um símbolo da luxúria. Esta imagem ancora-se, assim, em uma memória discursiva cristã, tendo em vista que se reatualizam as figuras de Eva (a mulher seduz, conduz ao caminho do pecado) e de Adão (o homem erra, porque é tentado): enquanto ele – homem – busca o reino do céu, a mulher lhe oferece o prazer carnal e o convida a pecar. Percebe-se que as materialidades verbais e as não verbais possibilitam que se instaure o efeito de sentido de que o “pecado” é a mulher.

O discurso acontece sempre no interior de uma série de outros discursos, com os quais estabelece correlações, deslocamentos, vizinhanças. Constata-se, então, que cada enunciado “conversa” com outras séries de formulações, que se cruzam e constituem identidades através da reativação da memória discursiva. Retomam-se/reafirmam-se, portanto, já-ditos em relação à mulher e ao homem, tais quais:

A mulher que foi a perdição para o pai Adão, para Sansão a morte, e para Salomão uma vingança, é, para o médico, um corpo; para o juiz, uma ré; [...] para o padre, uma tentação; para o enfermo, uma enfermeira; para o são, uma enfermidade; [...] para o versátil, um brinquedo; para o menino, um consolo; para o noivo, um desejo; para o marido, uma carga; para o viúvo, um descanso; para o pobre, uma calamidade; para o rico, uma ameaça; para o jovem, um pesadelo; para o velho, um inimigo; para o homem, um estorvo; para o diabo, um agente [...] (JORNAL DO COMÉRCIO, DESTERRO, 1881, p. 2).

Tendo em vista que “a ideologia fornece evidências [...] que fazem com que uma palavra ou um enunciado queiram dizer o que realmente dizem [...]” e, sendo assim, “as palavras, expressões, proposições etc. recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas.” (PÊCHEUX, 1995), verifica-se que vem a ser justamente “a ideologia” a fazer com que se instaure como evidente tanto o que é “caminho do céu”⁴ – caminho para uma vida espiritual –, quanto o que é o “paraíso” e a esquina do pecado – *locus* do prazer carnal⁵ –; ao mesmo tempo em que se instauram como efeito de sentido clivagens

valorativas (mal X bem; prazer carnal X vida espiritual; mulher pecadora x homem puro; mulher tentadora x homem vulnerável), (re)atualizando-se então toda uma memória cristã em relação aos prazeres carnis (“Não; a felicidade não é um corpo” (Santo Agostinho, Confissões, 397-400 d.C.)).

Evidencia-se que: a) “mascare-se, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados” (PÊCHEUX, 1995, p.160); b) os sentidos estão sempre à deriva; no entanto, podem ser compreendidos porque atualizam (isto é, estabilizam/desestabilizam a memória discursiva).

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, nos discursos que circulam na mídia contemporânea, engendra-se uma rede simbólica que forja identidades a partir de uma “estética de si” (FOUCAULT, 2006). As práticas discursivas terminam, pois, por se constituir, então, em dispositivos identitários, a partir de que se deslindam subjetividades: essas práticas se entrelaçam compondo um conjunto de temas, possibilidades de dizer e de agir – o que se pode/deve dizer a/sobre mulheres que não se enquadram nos padrões vigentes, que não se identificam com o padrão prescrito pela ordem social por, por exemplo, serem gordas ou “sem bunda” ou por terem “peito caído”; bem como estas podem/devem ser tratadas –, conjunto este que não é exterior aos sujeitos. Verifica-se, pois, que os corpos: a) são históricos, construídos discursivamente por uma linguagem hierarquizada, dicotômica e assimétrica no que se refere a sexo/gênero/desejo; b) têm tal relevância, que terminam por enquadrar o indivíduo em determinadas nomeações e classificações. Por fim, percebe-se que a exclusão do indivíduo se engendra no bojo deste processo, uma vez que são os corpos superfícies de significação:

Os corpos são “datados”, ganham um valor que é sempre transitório e circunstancial. A significação que lhes atribuí é arbitrária, relacional e é, também, disputada. Para construir a materialidade dos corpos e, assim, garantir legitimidade aos sujeitos, normas regulatórias de gênero e de sexualidade precisam ser continuamente reiteradas e refeitas. Essas normas, como quaisquer outras, são invenções sociais. Sendo assim, como acontece com quaisquer outras normas, alguns sujeitos as repetem e reafirmam e outros delas buscam escapar. Todos esses movimentos, seja para se afastar das convenções, seja para reinventá-las, seja para subvertê-las, supõem investimentos, requerem esforços e implicam custos. Todos esses movimentos são tramados e funcionam através de relações de poder. (LOURO, 2004, p. 89)

Constata-se ainda que, a partir de narrações bíblicas relativas à queda do homem, deu-se início à formação de uma imagem estereotipada da mulher, o que resultou em sua desqualificação enquanto ser dotado de razão e capacidade. Consequentemente, tem-se então uma mulher vista como elemento capaz de desestabilizar a ordem vigente, tal como no Éden, tendo sido, em virtude disso, mantida num espaço doméstico fechado e protegido, atendendo a uma ideologia masculina. Estabelece a sociedade ocidental, então,

distinções entre o público e o privado, vindo no lar o refúgio e o espaço de culto aos ancestrais. A casa é também o espaço destinado à mulher. O paradoxo consistiria no fato de, sendo a mulher representante do mal, a casa ser o seu espaço. Para Heilborn, esta incongruência é resolvida com a santificação das mulheres, o que implica em sua assexualização (de acordo com a Bíblia, Maria, mesmo tendo concebido Jesus Cristo, permaneceu imaculada). No que se refere à questão da sexualidade, depreende-se que, ainda hoje, evidencia-se o papel de “Mulher-Sedutora”, tida como sinônimo de “mulher fácil”, em contraposição ao de “Mulher-Mãe”, como sinônimo de “Santa”: “E chamou Adão o nome de sua mulher Eva; porquanto era a mãe de todos os viventes” (GÊNESIS 3:20). Essa situação, porém, não deixa de ser permeada por conflitos e tensões, uma vez que a impossibilidade de o homem conseguir garantir o controle sobre a mulher se mantém latente. A afirmação da virilidade implica a capacidade de controle e ao mesmo tempo a transgressão da honra (HEILBORN, 1992).

Observa-se que as imagens e representações da mulher na modernidade se delinearam no bojo de modelos hegemônicos, condicionando e controlando o corpo e o comportamento das mulheres (ALVES, 2005). Na verdade, as imagens dos sujeitos do discurso, isto é, a imagem que se faz de mulher e de sua sexualidade, que ela faz de si e de questões de estética e sexuais determinam a forma como o processo discursivo constitui os sentidos. Ou seja, instauram-se parâmetros identitários, que compõem julgamentos estéticos, morais e religiosos, sempre percebidos estes como únicos, reais, incontestáveis.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ívia. Deusa ou demônio? o controle do corpo e do comportamento da mulher através dos mitos de beleza. ALVES, Ívia. **Interfaces: ensaios críticos sobre escritoras**. Ilhéus, BA: Editus, 2005.

A MULHER. **Jornal do Comércio**, no 233, caderno 2, 29/10/1881

ANGELI. **Sexo é uma coisa suja**. São Paulo: Editora Devir, 2003.

BORDO, Susan. O corpo e a representação da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: Alison M. Jaggar e Susan Bordo (orgs.). **Gênero, Corpo e Conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. Tradução de Marne Rodrigues de Rodrigues. In: INDURSKY, Freda.; FERREIRA, M. C. L. **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999

COURTINE, J. **Análise do Discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

EXORCIZAR Disponível em: <https://www.dicio.com.br/exorcizar/>. Acesso em 22 de setembro de 2019.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 6 ed. Organização e Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **Les Techniques de soi**. In: Dits et Écrits. Paris, Ed. Gallimard, Vol. IV, pp. 783-813, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos (v.V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEILBORN, Maria Luiza. 1992. Fazendo Gênero? A Antropologia da Mulher no Brasil. In: COSTA, A. O. de e BRUSCHINI, C. **Uma Questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos/Fundação Carlos Chagas, 1992. pp.93-126

JORNAL Do COMERCIO, Desterro, 1881.

KARMMO, Daddo. **Gorda baleia**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/daddo-karmmo/gorda-baleia/>. Acesso em: 5 de setembro de 2019.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de Gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, Guacira .Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARCONVILLE, J. **De la boné et de lamauvaiseté des femmes**. Paris: Cote-Femmes, 1991.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) **Por uma análise automática do discurso** ; uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Traduzido por Jonas de A. Romualdo. Campinas, Ed. da Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas, SP: UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, M. **Papel da Memória**. IN: ACHARD, Pierre et al **Papel da Memória**. Pierre. Tradução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999,

PRECISAMOS FALAR DE GORDOFOBIA. Disponível em: <https://www.hospitaloswaldocruz.org.br/imprensa/noticias/precisamos-falar-de-gordofobia>. Acesso em : 3 de outubro de 2019.

SARTI, Cynthia A. Famílias enredadas. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amalia Faller. **Família: Redes, laços e políticas públicas**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 21-36.

WAGUINHO. **D. Gigi**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/os-cacadores/395648/> Acesso em: 5 de setembro de 2019

ZOZZOLI, Jean-Charles Jacques. Corpos de mulheres enquanto marcas na mídia: recortes. In: BRANDÃO, Izabel (Org.). **O corpo em revista: olhares interdisciplinares**. Maceio: EDUFAL, 2005.

Notas

1 O funk carioca surgiu nas favelas e sofreu forte influência na década de 80 do Miami Bass, ramificação do funk que trazia músicas mais erotizadas e batidas mais rápidas. Depois de 1989, os bailes funk começaram a atrair muitas pessoas. Inicialmente as letras falavam sobre drogas, armas e a vida nas favelas, posteriormente a temática principal do funk veio a ser a erótica, com letras de conotação sexual e de duplo sentido. O funk se consolidou como gênero ouvido por jovens da periferia de cidades por todo o Brasil. Atualmente, movimenta milhões na indústria da música.

2 Eva entrega-se à tentação, desobedece a Deus Pai, come o fruto do conhecimento, corrompe Adão destruindo o paraíso e deixando para raça humana a herança do pecado original

3 No mito de criação judaico-cristão, o Jardim do Éden (em hebraico: – gan-Éden), também chamado de Paraíso, é o “jardim de Deus” descrito no Livro do Gênesis (https://pt.wikipedia.org/wiki/Jardim_do_Éden)

4 No cristianismo, o Céu ou é uma vida pós-morte eternamente abençoada ou um retorno ao estado antes da queda da humanidade, um novo e segundo Jardim do Éden, no qual há a chamada” (https://pt.wikipedia.org/wiki/Jardim_do_Éden)

5 Retoma-se ai uma discussão presente no Barroco (século XVII): a vida carnal X vida espiritual após a morte.

MULHER EM (DIS)CURSO



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020

MULHER EM (DIS)CURSO



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020